

## Princípios de um radical

### Corpo, morte e comunicação na obra de José Carlos Rodrigues

## Principles of a radical scholar

### Body, death and communication in the works of José Carlos Rodrigues

**Adriana Braga**

*Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos e professora associada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Interações Digitais (GRID / CNPq). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.*

#### INTRODUÇÃO

A área da Comunicação no Brasil, desde a sua origem, buscou suas bases filosóficas, teóricas e metodológicas em áreas afins mais consolidadas. Esse diálogo com saberes adjacentes se expressa na formação diversa de seus protagonistas. José Carlos Rodrigues, pesquisador de formação ampla, passou pelo Direito e pela Antropologia até chegar na Comunicação e, durante toda a sua extensa obra, assumiu o desafio de buscar os princípios radicais da Comunicação. Ao longo de várias dezenas de livros, capítulos e artigos científicos, a obra de Rodrigues vem, há quarenta anos, gerando interesse em sucessivas gerações de estudiosos, evidenciado nas edições e reimpressões constantes de seus livros desde os anos 1970. Com um texto sempre surpreendente e que resiste ao tempo, a seriedade e coerência do trabalho de Rodrigues mantêm vivo o interesse por sua obra singular. A particular interação proposta por ele para os campos

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed44.2021.239>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 21, Nº 44, p.17-27, mai./ago. 2021

acadêmicos da antropologia e da comunicação se expressa claramente em sua obra *Antropologia e Comunicação: princípios radicais* (RODRIGUES, 2003), a que o título deste artigo faz alusão.

O autor elegeu como seus principais interesses de pesquisa temas tabu não só na sociedade, mas também na própria ciência. Parece sintomática a ausência de interesse e a conseqüente lacuna de estudos sobre o corpo e sobre a morte na área da Comunicação<sup>1</sup>. Esses temas foram tratados rigorosamente por Rodrigues durante toda a sua carreira, discutindo inclusive “o sentido social e político do silêncio com que a sociedade envolve a morte”. (RODRIGUES, 1983, p. 13)<sup>2</sup>

Observador atento do cotidiano, José Carlos Rodrigues sempre soube manter suas próprias ideias apesar dos vários modismos teóricos que testemunhou ao longo das quatro décadas de sua exitosa carreira acadêmica.

Com texto impecável e bem-humorado, José Carlos Rodrigues convida a uma reflexão instigante dos sistemas de significação e analisa uma variedade de etnografias e entrevistas, demonstrando a natureza simbólica dos sentidos e princípios sobre o corpo, evidenciando os modos pelos quais a realidade é forjada na linguagem, em processos de comunicação, de interação comunicativa, de interação social.

José Carlos Rodrigues trabalha sistematicamente no sentido de detalhar os modos pelo quais mesmo os processos de racionalização ou a experiência sensorial, oriundos de estruturas biológicas, são resultado de negociação de sentidos desenvolvidos a partir de matrizes culturais.

Admirador confesso de Lévi-Strauss, um dos grandes antropólogos do século XX, Rodrigues sempre esteve convencido do valor perene dos seus próprios princípios. Sua vasta obra oferece uma leitura arguta e singular de inúmeras etnografias realizadas ao redor do mundo que Rodrigues nos apresenta com uma erudição inigualável.

A reflexão sobre corpo, vida e morte já se tornou um legado importante que o autor deixa para o nosso campo de estudos. Na comunicação, é significativa a escassez de pesquisas nesta área, considerando os milhares e milhares de corpos que se doam, que se expõem e oferecem sua performance ao

---

<sup>1</sup> Uma rara exceção é o trabalho notável de Antonio Fausto Neto, publicado em 1991, *Mortes em derrapagem*, que faz uma análise discursiva da cobertura jornalística da morte de duas celebridades, Cazuza e Lauro Corona, nas revistas *Contigo e Amiga*. Além disso, esse tema tem sido retomado por gerações de estudantes orientados por José Carlos Rodrigues.

<sup>2</sup> Os grandes temas do Corpo e da Morte de certa maneira são o centro de gravidade da obra de Rodrigues: boa parte de seus livros e artigos são devotados a explorá-los. Como exemplos, podemos citar Rodrigues (2015; 2013; 2005; 2003; 2001; 2000; 1997; 1996 e muitos outros).

enquadramento orientado pela ordem discursiva midiática. A convergência entre Antropologia e Comunicação – ou, mais precisamente, uma abordagem antropológica sobre fenômenos comunicacionais – já se manifestou em algumas das primeiras publicações de Rodrigues, como os artigos “Fotonovela: decomposição e recomposição” (RODRIGUES, 1973) e o pioneiro “O Rei e o Rito” (RODRIGUES, 1978) um dos primeiros artigos publicados no Brasil sobre a antropologia do futebol, em que a ritualização midiática da despedida de Pelé dos gramados de futebol é analisada.

## TABU DO CORPO

O livro *Tabu do Corpo*, lançado originalmente em 1979, foi “a primeira publicação brasileira a analisar o corpo como sistema simbólico”, segundo a sinopse apresentada pela Editora da Fiocruz quando da sua reedição, em 2006. Nesse clássico, José Carlos Rodrigues apresenta grandes questões da antropologia, relacionando a comunicação com o surgimento da vida, abrindo caminho para uma reflexão antropológica mais ampla sobre o corpo no campo da Comunicação.

Partindo de um método dialético de oposições binárias de inspiração estruturalista, como natureza/cultura, sagrado/profano etc. para desenvolver sua argumentação, o autor apresenta conceitos fundamentais para pensar a situação social do corpo humano ao longo da história. Longe de produzir um pensamento dicotômico e reducionista, Rodrigues tensiona ideias e conceitos com maestria apontando caminhos produtivos para um denso diálogo de ideias.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a influência da linguística de Ferdinand Saussure, cuja disseminação consensualmente deu início ao que se viria conhecer como estruturalismo está presente e, por conseguinte, desvendando ao acadêmico de hoje a dinâmica de uma determinada maneira de trabalhar as significações e as representações (CARDOSO, 2007).

A atualização da discussão sobre o corpo e suas representações no campo da Comunicação e da Antropologia torna-se ainda mais urgente se considerarmos as pautas promovidas por iniciativas como o projeto genoma humano e outras mais recentes relacionadas às identidades de gênero, como “meu corpo, minhas regras”, “Não é Não!”, “#meeto” etc. e que são muitas vezes complementares, convergentes e/ou contraditórias com as reivindicações de outros setores do movimento feminista, como aqueles do parto humanizado e contra a violência obstétrica, por exemplo.

O levante feminista das novas gerações tem buscado avançar a reflexão sobre a situação social feminina, resultando em maior reflexividade, autocrítica e o surgimento de uma diversidade de novos grupos com demandas e lugares de fala também diversos. (BRAGA, 2021, p. 29)

Desde o lançamento de *Tabu do Corpo* na década de 1970, Rodrigues já nos advertia sobre os modos pelos quais a sociedade se apropria dos corpos em um processo de naturalização daquilo que é simbólico. Desta maneira, necessidades fisiológicas, por exemplo, são culturalizadas e ganham estatuto simbólico de “naturais”, e quaisquer relações que tenham com outras crenças passam a ser entendidas como formas ingênuas ou primitivas. Assim, o autor chama a atenção para o modo como o corpo é um construto culturalizado, que “abriga em nós um inferno que costumamos ver nos outros: a natureza humana que é estranha aos homens”.

Mais de vinte anos depois de seu lançamento, *Tabu do Corpo* foi uma referência na pesquisa que realizei sobre a corporalidade discursiva e agendamento corporal nas revistas femininas (BRAGA, 2002). Quando da publicação desta pesquisa em livro (BRAGA, 2016), o convite para que José Carlos Rodrigues escrevesse o prefácio foi bastante natural, e seu pronto aceite, uma grande honra:

Em *Corpo-Verão – jornalismo e discurso na imprensa feminina*, um estudo metodologicamente muito bem conduzido, o leitor poderá apreender este caráter ambi ou polivalente da mensagem de massa nas revistas voltadas para mulheres (mas não somente para elas). (...) Vale notar que a presença imperativa de uma voz de comando é uma constante no discurso publicitário (“compre!”, “não perca!”, “vá agora mesmo!”...), escondida sob aparência de charme, imaginação, criatividade, beleza e humor. Fatos como tais ensinam que é muito importante observar, como faz o belo trabalho que o leitor tem em mãos, que com muita frequência aquilo que se apresenta como jornalismo dificilmente é distinguível de publicidade e/ou propaganda. É o caso, neste livro, da chamada “imprensa feminina”. (RODRIGUES, 2016, p. 10)

## TABU DA MORTE

Mais uma vez como resultado de sua busca por correlações sutis de oposições, contradições, situações negligenciadas, obscurecidas e invisibilizadas, José Carlos Rodrigues lançou, em 1983, outra obra marcante para o pensamento antropológico brasileiro, o livro *Tabu da Morte*, lançado originalmente pela editora Achiamé. Nesta pesquisa, o autor descreve as determinações sociais e políticas acerca do evento de fim da vida e as relações específicas entre morte e poder no momento histórico denominado “sociedade industrial”. Este ponto é destacado em uma das várias resenhas que o livro recebeu:

Há uma crítica ao papel dos meios de comunicação e ao tipo de morte veiculada. Toda a verbosidade que circula na imprensa, as mortes distanciadas, na “terceira pessoa”, violentas e que não alteram as relações sociais apenas reverberam e acentuam o tabu da morte. Oferecem respostas a perguntas que não foram feitas, abolindo antecipadamente uma reflexão sobre o evento terminal da experiência humana (OIGMAN, 2007).

Rodrigues desenvolve em detalhes os envolvimento da morte com as relações de poder. O autor conclui sua obra apresentando quatro mitos ideológicos forjados pela própria sociedade e que politicamente resultam em relações de dominação: o mito da extrema riqueza da sociedade industrial; o mito da extrema capacidade produtiva da civilização moderna; o mito do progresso; e o mito da vida, a ideia de que a vida pode ser produzida a partir da capacidade técnica. “Este mito é o banimento da ideia de morte. É o mito fundamental, a síntese de todos os outros” (RODRIGUES, 1983, p. 274).

*Tabu da Morte* antecipa em quatro décadas um debate urgente e de extrema relevância nos nossos dias. Ao propor a questão elementar de qual seria o lugar do ser humano no mundo, Rodrigues, em tom profético, elenca as ações humanas que levaram ao que é denominado hoje Antropoceno: modificação de processos biológicos; ações geológicas; orientação da evolução; busca da imortalidade; “conquista” da natureza. O desenvolvimento acelerado de projetos de Inteligência Artificial e “conquistas” planetárias demanda um debate em níveis políticos, éticos, religiosos, econômicos, jurídicos e acadêmicos que envolve todas as questões tratadas pelo autor.

Além disso, as questões ligadas a legislação e práticas de clonagem, pesquisas com células-tronco e interrupção voluntária da gravidez, tensionadas pelas demandas recentes por regulamentação dos alegados “direitos do feto” – reivindicados por terceiros a despeito dos direitos da gestante – se beneficiariam muito da generosa reflexão proposta. Enquanto isso, embriões saudáveis resultantes de fertilização *in vitro* continuam a ser descartados diariamente sem alarde, crítica ou protesto em clínicas luxuosas de reprodução assistida.

Temas como eutanásia, suicídio assistido e transhumanismo são pautas contemporâneas que parecem estar longe de qualquer certeza ou consenso. É impossível definir onde termina e começa a morte ou a vida. Mas, nas relações de poder, o autor adverte que não é a capacidade de decretar a morte, mas a estratégia de obrigar a viver que constitui o poder.

Banida, produzida, administrada, a morte está em toda parte, e esta presença é o grande paradoxo de uma sociedade que pretende divinizar a vida. (...) É pura ilusão querer se libertar dessas sociedades, ao mesmo tempo mortíferas e policiais, produtoras e negadoras da morte, sem se libertar desse estilo industrial de vida (ou de Morte). (RODRIGUES, 1983, p. 285)

No final do livro, José Carlos ressalta o aspecto filosófica e antropológicamente original da abordagem e da especulação em torno do evento da morte futura. Enquanto as culturas que nos antecederam estavam preocupadas com as mortes presentes e passadas, segundo o autor, no nosso tempo inaugura-se uma preocupação com as mortes futuras, tanto dos descendentes quanto “as programadas e disseminadas pelo planeta”. O autor é categórico ao afirmar que qualquer teoria sociológica, política ou antropológica é vã se não tentar descrever “os mecanismos de terror que permitem que esta Morte seja construída” (p. 287). Nestes tempos de pandemia e necropolítica, uma afirmação tristemente verdadeira.

## LÉVI-STRAUSS E A COMUNICAÇÃO

Depois de tratar de dois livros clássicos de José Carlos Rodrigues, neste tópico volto a atenção para um texto curto, mais recente, mas que também chamou muita atenção da comunidade acadêmica. No artigo intitulado *Lévi-Strauss, teórico da comunicação*, publicado em 2009, o autor apresenta as concepções do célebre antropólogo sobre a comunicação.

É louvável o esforço de circunscrição de pontos de contato da comunicação com o pensamento de Lévi-Strauss, revitalizando a discussão sobre o Estruturalismo. Essa vertente do pensamento humanista influenciou fortemente as ciências sociais e humanas em meados do século passado, atraindo pensadores das mais diversas áreas, como Linguística, Antropologia, Sociologia e Psicanálise. Neste texto, Rodrigues destaca o caráter comunicacional dos processos sociais na obra de Lévi-Strauss. Ele inicia com a dimensão comunicacional presente na teoria lévi-straussiana sobre a proibição do incesto:

Lévi-Strauss sustentou uma explicação de natureza comunicacional. Segundo ele quando se proíbe a um homem ou mulher que mantenha relações sexuais com indivíduos de seu próprio grupo acaba-se tornando imperativo que as realize com indivíduos de outro. Dessa forma, ao colocarem os grupos familiares em articulação recíproca, as relações sexuais e a reprodução populacional transformam-se em dispositivos sociológicos. Logicamente a comunicação entre clãs, famílias, etc. cessará e a sociedade correrá risco de pulverização no caso de os indivíduos passarem a sistematicamente se casar dentro de seus próprios grupos de origem. Em síntese, o incesto resume-se a uma espécie de recusa de comunicação. Da mesma forma, a negativa à comunicação pelo menos em princípio passa a se dotar de um caráter incestuoso. Este tipo de proibição não se limita então apenas às relações sexuais, mas repercute sobre o conjunto do universo simbólico. (RODRIGUES, 2009, p. 58-59)

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed44.2021.239>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 21, Nº 44, p.17-27, mai./ago. 2021

Em 1953, o próprio Lévi-Strauss chegou a considerar abordar a sociedade pela perspectiva de uma teoria da comunicação. Rodrigues (2009) demonstra a concepção comunicacional sobre as relações entre culturas do ponto de vista do ‘pensamento selvagem’, diretamente em contato com a concretude do mundo, em uma espécie de semiótica natural:

O ponto central dessa argumentação para nossos propósitos reside no fato de Lévi-Strauss propor com o conceito de pensamento selvagem que uma via de mão dupla existe na comunicação entre a cultura e a natureza: entre o homem e o mundo tecem-se redes de mensagens e de significados, conexões entre propriedades da subjetividade e do cosmos. O pensamento selvagem consiste em uma lógica do concreto, segundo sua expressão, que opera diretamente no nível dos signos e dos órgãos dos sentidos. Esta lógica consiste de postulados e de axiomas que não dissociam o sensível e o inteligível, que consideram as formas como signos e as ideias como formas perceptíveis. (RODRIGUES, 2009, p. 60)

Lévi-Strauss, ao desconstruir a ideia de uma suposta descontinuidade entre produtos culturais das sociedades complexas e “primitivas”, aponta a universalidade da função simbólica. Assim, o que Lévi-Strauss propõe é uma representação semiótica da cultura, sendo cada grupo cultural individual pensado como um sistema complexo de significação, isto é, de atribuição de sentido às coisas do mundo. Sob a ação dos operadores lógicos deste sistema (metonímias, metáforas, hierarquias, sistemas de classificação, etc.), Lévi-Strauss divisou seu grande sistema estrutural da cultura humana, uma cultura feita de relações lógicas entre sistemas de significação. Os mitos de cada cultura particular, nessa perspectiva, expressariam as relações lógicas que estruturam a comunicação tanto no interior daquela sociedade quanto em seus contatos com membros de outras culturas. Esta visada semiótica sobre o sistema mítico foi expressa em uma famosa máxima: “a terra da mitologia é redonda”, em que Lévi-Strauss evidencia seu processo de pesquisa como um sistema aberto, sem começo ou fim necessários, e em que qualquer ponto do sistema se encadeia com os demais (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 9). José Carlos Rodrigues destacou alguns elementos da abordagem semiótica dispensada por Lévi-Strauss à mitologia:

Outra hipótese importante do ponto de vista comunicacional na abordagem dos mitos por Lévi-Strauss é a que os situa como narrativas de um tipo específico, dotado de uma lógica própria, com uma gramática muito particular. Para Lévi-Strauss as mitologias são dotadas de uma coerência interna bem precisa. (RODRIGUES, 2009, p. 61)

Assim, uma teoria da comunicação de fundamentação lévi-straussiana deveria necessariamente passar pelo encadeamento de sistemas míticos como narrativas, como uma espécie de linguagem universal da cultura humana, sentido insuspeitavelmente próximo daquele de Roland Barthes, um semioticista que se dedicou a estudar os “mitos” da sociedade industrial. (BARTHES, 1980).

## CONCLUSÃO

A zona de interface entre a antropologia e a comunicação é bastante produtiva como campo de investigação e tem em José Carlos Rodrigues um expoente no entrecruzamento dessas disciplinas. Tanto na antropologia como na comunicação, a obra de Rodrigues ocupa uma posição única, de um pensamento original, inquieto e erudito, que resiste a modismos e reduções epistemológicas fáceis. Sua permanência no mercado editorial brasileiro por quatro décadas, em constantes reedições, testemunha o vigor dos princípios radicais de sua antropologia da comunicação. Neste momento em que José Carlos Rodrigues se organiza para se afastar das atividades acadêmico-burocráticas da Universidade, ele o faz com a certeza de ter deixado um legado muito importante para a Ciência da Comunicação.

**Adriana Braga**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0307-3470>

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.*

*Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos*

*E-mail: [adrianabraga@puc-rio.br](mailto:adrianabraga@puc-rio.br)*

Recebido em: 20 de setembro de 2021.

Aprovado em: 27 de setembro de 2021.

## Referências:

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 1980.

BRAGA, Adriana. **Corpo Verão: jornalismo e discurso na imprensa feminina**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

BRAGA, Adriana. **Corpo Verão: estratégias discursivas e agendamento corporal na imprensa feminina**. Dissertação [Mestrado] em Comunicação. São Leopoldo: PPGCOM/Unisinos, 2003.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed44.2021.239>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 21, Nº 44, p.17-27, mai./ago. 2021

CARDOSO, M. H. C. A. Resenha: O Tabu do Corpo. Rodrigues JC. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. 154 pp. **Cadernos de Saúde Pública** (FIOCRUZ) , v. 23, p. 2251-2252, 2007.

FAUSTO NETO, A. **Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas 2 – Do Mel às Cinzas**. Rio de Janeiro: Cosac-Naify, 2005.

OIGMAN, Gabriela. Resenha: O Tabu da Morte. Rodrigues JC. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. 260 pp. **Cadernos de Saúde Pública** (FIOCRUZ) , v. 23 (9), 2007.

RODRIGUES, José Carlos. Lévi-Strauss, teórico da comunicação. **Revista FAMECOS** (Online), v. 39, p. 56-62, 2009.

\_\_\_\_\_. **Antropologia e Comunicação: princípios radicais**. São Paulo/Rio de Janeiro: Edições Loyola/Ed. PUC-Rio, 2003.

\_\_\_\_\_. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1979.

\_\_\_\_\_. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1983.

\_\_\_\_\_. “Prefácio” in: BRAGA, Adriana. **Corpo Verão: jornalismo e discurso na imprensa feminina**. E-book. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

\_\_\_\_\_. A morte como tabu. **COMCIÊNCIA** (UNICAMP) , v. 163, p. 01-10, 2015.

\_\_\_\_\_. Publicidade, silêncio, personalização, espetáculo: representações da morte no Ocidente. **Alceu** (Online) , v. 26, p. 5-40, 2013.

\_\_\_\_\_. A boa morte e o poder médico. **Antropologia virtual**, 2005.

\_\_\_\_\_. Violência e saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, 2003.

\_\_\_\_\_. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001.

\_\_\_\_\_. O nervo cala o nervo fala. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, 2000.

\_\_\_\_\_. O Limpo e O Sujo. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 13, 1997.

\_\_\_\_\_. O Corpo Consumidor. **Revista VEREDAS**, v.6, 1996.

\_\_\_\_\_. O Rei e O Rito. **COMUM**, v.1, 1978.

\_\_\_\_\_. Fotonovela: decomposição e recomposição. **Revista de Cultura Vozes**, v. 67. Petrópolis RJ, 1973.

## Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar uma breve reflexão sobre algumas concepções do antropólogo brasileiro José Carlos Rodrigues acerca da comunicação humana. A visada singular deste autor destaca temas raramente estudados no campo da comunicação, como a corporeidade, a saúde e a morte. Pretende-se ainda ressaltar a importância da obra deste autor na compreensão dos processos comunicacionais em suas dimensões sócio-antropológicas, a partir de uma discussão de seus dois principais livros, *Tabu do Corpo* e *Tabu da Morte*. Por fim, discute a teorização proposta por Rodrigues sobre os pontos de contato da teoria de Lévi-Strauss aplicados aos fenômenos comunicacionais.

**Palavras-chave:** Teorias da Comunicação. Antropologia. Corpo. Morte.

## Abstract

This text aims to present a brief reflection on some of the Brazilian anthropologist José Carlos Rodrigues' conceptions about human communication. The unique vision of this author highlights themes rarely studied in the field of communication, such as body-ness, health and death. It is also intended to emphasize the importance of this author's work in understanding communication processes in their socio-anthropological dimensions, based on a discussion of his two main books, *Tabu do Corpo* and *Tabu da Morte*. Finally, it discusses the theorization proposed by Rodrigues about the points of contact in Lévi-Strauss' theory applied to communicational phenomena.

**Keywords:** Theories of Communication. Anthropology. Body. Death.

## Resumen

Este texto pretende presentar una breve reflexión sobre algunas de las concepciones del antropólogo brasileño José Carlos Rodrigues sobre la comunicación humana. La singular visión de este autor destaca temas poco estudiados en el campo de la comunicación, como la corporalidad,

la salud y la muerte. También se pretende enfatizar la importancia del trabajo de este autor en la comprensión de los procesos de comunicación en sus dimensiones socioantropológicas, a partir de la discusión de sus dos libros principales, *Tabu do Corpo* y *Tabu da Morte*. Finalmente, se discute la teorización propuesta por Rodrigues cerca de los puntos de contacto de la teoría de Lévi-Strauss aplicada a los fenómenos comunicacionales.

**Palabras clave:** Teorías de la comunicación. Antropología. Cuerpo. Muerte.

*Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.*